

Resenha: *O cortiço*, de Aluísio Azevedo

LAURA GISÉLI CEOLIN MESS
Graduanda em Letras – Bacharelado (UFSM)
E-mail: laura.mess@acad.ufsm.br

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

O Cortiço é um romance brasileiro escrito por Aluísio Azevedo e publicado em 1890. O livro denuncia as precárias condições de vida nas estalagens, denominadas de cortiços, populares no fim do século XIX no Brasil. A obra se insere no Naturalismo, uma corrente literária que emergiu após o declínio do Romantismo. Nessa perspectiva, os personagens apresentados são simples, provenientes das classes sociais mais baixas, que interagem em um espaço coletivo de convivência, como o cortiço. Além disso, uma característica marcante do Naturalismo presente na obra é a visão do ser humano sob uma ótica animalésca, retratando-o como um produto do meio em que vive.

Os três elementos de espaço onde as personagens irão circular estão dados: o cortiço, a casa de Miranda e a venda de Romão. Esses espaços são ocupados por uma ampla galeria de personagens, como lavadeiras, operários, prostitutas, mascates e cavouqueiros, que, em todo cortiço, deixam sua marca. A voz narrativa nesse romance mostra-se onisciente, conhece desde o pensamento das personagens até as razões de suas atitudes, sendo assim, com base no Estruturalismo, podemos classificar o narrador de *O cortiço* como heterodiegético, atua como observador, mas não participa como personagem da trama. Para completar, o tempo da narrativa é linear, com começo, meio e fim, seguindo o tempo cronológico dos acontecimentos.

O personagem principal da obra é João Romão, que busca a qualquer custo enriquecer e prosperar socialmente. O narrador apresenta o personagem como dono de uma quitanda, avarento e ganancioso, e que, ao amealhar dinheiro, compra uma pedreira aos fundos de sua propriedade. Depois, com os lucros da quitanda, da pedreira e, sorrateiramente, roubando materiais de construção em seus arredores, João Romão começa a construir pequenas casinhas que, no futuro, irão constituir o cortiço. Ao lado das estalagens surge um novo personagem, o Miranda, português de alto valor social que será o rival de Romão na trama. O narrador ao descrever a casa do Miranda expõe nítidas comparações sociais, econômicas e morais entre os habitantes da casa portuguesa e do cortiço.

É notável a inovação presente na obra. Podemos observar que o cortiço não apenas desempenha o papel de espaço físico da trama, mas também se revela um personagem essencial na narrativa. No texto, elementos fazem referência a personagem, como em “Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia...” (AZEVEDO, 1997,

p. 13). E também, elementos de personificação de algo que é inanimado e abstrato, visto em “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.” (Azevedo, 1997, p. 21). O cortiço se assemelha a um organismo em agitação e vida, sendo o meio delimitador para as ações humanas. Ele é responsável pelas circunstâncias nele existentes, referentes aos hábitos e atitudes de seus moradores, o que dá forma a característica naturalista de que o homem é produto do meio em que vive.

Outro personagem interessante da trama é Jerônimo, imigrante português, que se instalou no cortiço com sua esposa Piedade, para trabalhar na pedreira de João Romão. Homem sério e disciplinado, Jerônimo carregava os costumes do bom português, chegava cedo ao trabalho e era o melhor cavouqueiro da pedreira. Durante a descrição do narrador, nota-se que o casal português é exemplo de comportamento e virtude. Porém, após ser introduzido no cortiço, Jerônimo entra em contato com um novo estilo de vida e, ao observar uma roda de samba, conhece Rita Baiana. Arrebatado por uma paixão sensual pela Rita, Jerônimo abandona a esposa e a vida regrada que levava e, é protagonista da famosa passagem do livro: “E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se.” (Azevedo, 1997, p. 74).

Interessante ressaltar que o Naturalismo foi a primeira corrente literária que trouxe a homossexualidade para suas obras. Em *O Cortiço* temos a relação da personagem Pombinha com sua madrinha, a cocotte francesa Léonie. O narrador retrata sem meios-termos a relação sexual entre essas duas personagens do mesmo sexo biológico, porém, a cena é carregada de violência sexual. O ato provoca sinais de maturidade sexual em Pombinha, que começa a perceber o sexo como forma de dominação. Assim, mesmo com um conhecimento que a distingue dos demais moradores do cortiço, Pombinha se torna prostituta após descobrir o poder que o sexo exerce sobre os homens. Essa situação ilustra a tese naturalista de que os seres humanos não podem escapar dos hábitos e costumes moldados pelo ambiente em que vivem.

Na mesma linha, o narrador introduz Albino, um sujeito “afeminado” que contraria a virilidade masculina que vinha sendo apresentada nas estéticas literárias anteriores. Albino figurava no ambiente entre as mulheres lavadeiras e também praticava da profissão. As lavadeiras, familiarizadas com Albino, “... o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem.” (Azevedo, 1997, p. 26).

Outra relação que provoca reflexão nos leitores é a de João Romão com sua companheira, a mulata Bertoleza. Apesar de nunca ter sido alforriada e acreditando que assim o era, ela viveu a sua vida fielmente ao lado de João Romão. Bertoleza sempre se comportou como escrava na dedicação ao trabalho, pois trabalhava de domingo a domingo e nunca se queixava dos seus afazeres. Ela é claramente explorada por João Romão, até que esse, ao enriquecer e completar a sua escalada social, vê a companheira como um “estorvo”. O livro fecha com o trágico destino de Bertoleza, após descobrir que foi enganada e que continuava presa à condição servil.

Embora escrito no século XIX, a complexidade que a obra carrega a faz permanecer em debate nos dias atuais. Além disso, é um marco do estilo naturalista em romances, ilustrando a tese de como o ambiente molda o comportamento humano e as interações sociais. Temas como ambição e exploração são postos sob a ótica da corrente em que a obra se insere, assim, o livro é um grande exemplo para compreender o Naturalismo. Dessa forma, *O Cortiço* mantém sua relevância e convida à reflexão sobre questões sociais e a condição humana em contextos adversos.